

AÇÃO PASTORAL PÓS-PANDEMIA (9)

A Celebração Eucarística, na sociedade do espetáculo

Dom Edson Oriolo¹

Nos últimos anos, estamos nos envolvendo com aplicativos de celular que viabilizam relacionamentos rápidos, com diálogos instantâneos, bem como contatos interpessoais, ligações afetivas, profissionais e lúdicas. É o caso do *Whatsapp*.

Este aplicativo impõe um novo jeito de interagir entre as pessoas. Agora, boa parte da população recebe mensagens, comunicados, fotos, vídeos numa rapidez surpreendente.

Neste interagir com aplicativos (*Whatsapp*), estamos tomando ciência de inúmeras celebrações eucarísticas em todo mundo que estão totalmente deixando a desejar pelos vídeos que recebemos. Ex.: padres dançando, padres fazendo propaganda de celebrações eucarísticas, andando de patins dentro da Igreja, padres cantando de maneira altiva, outros vestidos de paramentos incomuns para chamar atenção e tantas outras situações que envergonham a nossa Igreja. Achamos graça, compartilhamos rapidamente, mas por outro lado, causam-nos uma tristeza imensa pela ridicularização do mistério da eucaristia. Estamos desconsiderando a Igreja e fazendo do mistério pascal um grande espetáculo.

Essa realidade nos faz refletir sobre as celebrações eucarísticas em nossas paróquias e comunidades numa “**sociedade do espetáculo**”. A celebração da eucaristia é ainda o meio mais eficaz de alimentar a fé e o evento mais procurado pelo povo de Deus.

O criador do conceito “**sociedade do espetáculo**” foi francês Guy Debard, que definiu o espetáculo como o conjunto das relações mediadas pelas imagens.

A palavra “espetáculo”, na raiz, está ligada a espectador, ou seja, “aquele que assiste”. Não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas mediatizada por imagens.

Na “**sociedade do espetáculo**” a aparência torna-se algo importante, bem como a produção de imagens e a valorização da dimensão visual da comunicação como instrumento de exercício do poder e de dominação social.

“No espetáculo, o fim não é nada, o desenrolar é tudo. O espetáculo não deseja chegar a nada que não seja ele mesmo” (Debard).

¹ Bispo da Igreja Particular de Leopoldina MG

A imagem, obviamente, é algo para ser visto. Mas nem toda imagem está inserida na lógica do espetáculo. Uma imagem natural, lago, patos, montanhas ao fundo, campo, é apenas uma paisagem, ou uma imagem natural. No entanto, se o espaço for loteado para a venda e a paisagem utilizada como sedução para atrair compradores, o cenário se converte em mercadoria e ganha valor de imagem.

Na sociedade do espetáculo, quanto mais a pessoa se apresenta por meio de determinada estética (roupas, maquiagem, gestos ensaiados e palavras de ordem), mais se rende à lógica do espetáculo, na medida em que expressa sua rebeldia visualmente.

O espetáculo apresenta-se como uma enorme positividade indiscutível e inacessível. Ele nada mais diz senão que “o que aparece é bom, o que é bom aparece”.

A vida é cada vez mais moldada pelo espetáculo: o teatro, a moda, a arquitetura, a gastronomia, o sexo, os jogos, a música, a televisão, o filme, os esportes, as celebridades, a economia. É a espetacularização da realidade, a dramatização da vida e, infelizmente, nossas paróquias e comunidades estão entrando nessa. Nossas comunidades e paróquias, em sua caminhada de fé, vivem da celebração do mistério pascal de Jesus, na celebração dos sacramentos, principalmente, da Eucaristia.

Na encíclica *Ecclesia de Eucharistia* (EE), o papa São João Paulo II fez questão de recordar que a celebração eucarística nunca é propriedade do sacerdote ou da comunidade, lembrando ainda o grande sofrimento causado aos fiéis por abusos introduzidos na celebração da Missa. A observância das normas litúrgicas é uma expressão fundamental do amor a Cristo e à Igreja.

O papa fala, franca e abertamente, de abusos introduzidos na celebração da Sagrada Eucaristia por “um ambíguo sentido de criatividade e adaptação” (EE, 52). E acrescenta: “A ninguém é permitido aviltar o mistério confiado às nossas mãos: é demasiado grande para que alguém possa permitir-se tratá-lo segundo o próprio livre arbítrio, não respeitando o seu caráter sagrado nem a sua dimensão universal” (Ibidem).

Não nos é permitido reconfigurar ou redesenhar a Sagrada Eucaristia, nem tão pouco servir-nos dela e explorá-la para os nossos próprios intentos. A Sagrada Eucaristia é sempre, e ao mesmo tempo, sacrifício, banquete e presença real e não um espetáculo a ser assistido.

Na celebração da Eucaristia, o celebrante deve desaparecer por detrás da Pessoa de Cristo que ele faz presente, e atrás também da pessoa mística da Igreja, em nome da qual age, respeitando as cerimônias tal como são previstas no livro litúrgico.

Vamos nesta “sociedade do espetáculo” valorizar a celebração eucarística, respeitando sua dimensão de mistério e não tratá-la como mero espetáculo!